



THE Heavy Metal Show: Uma Etnografia Comunicacional Da Cultura Headbanger Em Teresina¹

Caio Bruno S. do Carmo²
Gustavo Fortes Said³

Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI

RESUMO

O presente trabalho faz um mapeamento da cena musical heavy metal na cidade de Teresina – PI. O objetivo é mostrar que o heavy metal vai além de mero gênero musical, sendo considerado um importante elemento constitutivo das culturas urbanas contemporâneas. Para tanto, uma etnografia comunicacional foi escolhida como metodologia. Acredita-se que a importância desse artigo reside em revelar uma faceta desprezada pelas produções locais, mas que tem um papel importante no entedimento dos fenômenos culturais urbanos de Teresina.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação. cultura urbana. Etnografia. heavy metal. Teresina.

INTRODUÇÃO

O rock and roll e o heavy metal⁴ são muito mais do que simples gêneros musicais. Dizem respeito, também, a estilos de vida, a modos de se comportar. Assim, ser roqueiro (ou headbanger⁵) pressupõe uma série de aspectos que vão do figurino apropriado ao posicionamento político. É disso que este texto trata: de processos específicos que definem o heavy metal como uma sub-cultura repleta de ordens, normas, valores, aspectos lúdicos e negociações interacionais.

De início, procura-se mostrar alguns dos fenômenos contemporâneos que atravessam a história do gênero proporcionando o nascimento, crescimento, amadurecimento e explosão do rock and roll no planeta e nas culturas locais. É no diálogo entre todos esses fenômenos que uma interpretação sobre os estudos das culturas urbanas, onde o rock tem um papel inquestionável, pode ser construída. Obviamente, nenhum deles pode ser concebido separadamente e nem obedecer a critérios rígidos de delimitação espaço-temporal.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior, DT 6 – Interfaces Comunicacionais, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Jornalista e pesquisador recém formado pela UFPI. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Cultura e Identidade da mesma instituição. email: caiobrunosc@gmail.com.

³ Gustavo Fortes Said é doutor em Ciências da Comunicação pela UNISINOS, Brasil. Líder do Grupo de Estudos e Pesquisas em Comunicação, Cultura e Identidade, cadastrado no CNPq e professor titular desde 1994 da UFPI, e-mail: gsaid@uol.com.br.

⁴ O heavy metal é um dos muitos subgêneros do rock and roll.

⁵ O termo headbanger é usado para identificar os fãs de heavy metal.



Primeiramente, o texto procura refletir sobre como a crise das instituições e dos indivíduos políticos culminou em novos modos de organizações urbanas (CANCLINI, 1997), baseados em grupos que se assemelham a tribos (MAFFESOLI, 2005), cujo comando é assumido por jovens.

A segunda parte expõe detalhes da relação entre a linguagem universal do rock and roll e as culturas locais. Ela narra como esses diversos grupos se identificam mesmo sendo de diferentes lugares, como eles se comunicam e que meios estão envolvidos no processo de construção de um imaginário heavy metal que resulta da eterna negociação entre o contexto global e as realidades locais. Para tanto, serão usadas as definições de “comunidades de sentidos” e “grupamentos urbanos” propostas por Janotti Jr. (2003b) para ilustrar as transparentes fronteiras entre o ‘mundo metálico’ universal e as reconfigurações locais.

Após a discussão teórica, passa-se à análise empírica. O objetivo é fazer um mapeamento do cenário heavy metal em Teresina. Descrever e analisar quem são os personagens que compõem a cena⁶, como eles se comportam, quais são os lugares que eles frequentam, como eles se informam, como ocorrem as ressignificações da linguagem universal rock and roll e quais são as contradições interacionais da cena roqueira/headbanger.

Para tanto, o modelo etnográfico comunicacional foi adotado como procedimento metodológico. Não se trata, no entanto, de mera descrição de um grupo desconhecido. A etnografia usada faz uso não só de meios descritivos, mas de processos interpretativos profundos, que Clifford Geertz (1989, pág. 27) chama de “descrição densa”.

A descrição densa (GEERTZ, 1989) propõe uma análise interpretativa espessa⁷ de dentro para fora do objeto pesquisado. O pesquisador deve se munir de entrevistas, documentos, depoimentos informais, registros fotográficos e dos variados discursos que compõem determinada cultura. É preciso que o observador esteja totalmente inserido e à vontade no seu campo de pesquisa. Objeto e pesquisador devem entrar em confluência para interpretar as interações e as sutilezas do universo heavy metal em Teresina.

⁶ Ver também: STRAW, Will. *Systems of Articulation, Logics of Change: communities and scenes in popular music*. Cultural Studies. London: Routledge, v. 5, n. 3, p. 361-375, oct. 1991.

⁷ Ver também: TRAVANCAS, I. S. *Fazendo etnografia no mundo da comunicação*. In: Jorge Duarte; Antonio Barros. (Org.). *Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação*. 1 ed. São Paulo: Editora Atlas S.A., 2005, v. 1, p. 98-109.



Vale lembrar que não está entre os objetivos do presente trabalho, por exemplo, discutir as motivações que levam determinadas pessoas a optarem por um gênero musical em detrimento de outros. A pesquisa busca uma análise sobre os motivos preferenciais dentro de um gênero específico e sobre as fronteiras estilísticas e estéticas sobre o que é ou não é considerado heavy metal.

Do Homem Político Aos Índios De Concreto: A Crise No Institucionalismo e a Formação Das Tribos Urbanas

Na introdução de seu livro *Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização*, o antropólogo Nestor Garcia Canclini (1997) defende que uma das principais características dos cidadãos do século XXI reside numa descrença nos valores políticos tão vigentes no século XVII. Para ele, hoje, os indivíduos passam a se preocupar com diferentes papéis sociais que não são meramente políticos: “Junto com a degradação da política e a descrença nas instituições, outros modos de posicionamento se fortalecem” (CANCLINI, 1997, pág. 13). A crítica de Canclini também abarca a institucionalização dos espaços normativos em que viveram as sociedades modernas.

Para explicar como essa crise foi se constituindo, é preciso entender um fenômeno que veio se configurando desde início do século XX. Com a ascensão das pequenas burguesias, o comércio massivo passou a fazer parte do cotidiano urbano, culminando num crescimento desordenado das cidades.

Walter Benjamin (2007) foi um dos autores pioneiros que tentaram entender o fenômeno econômico e social que logo culminaria numa crise do modo político de conceber o mundo. Suas observações se voltavam para algo novo até então: a criação de imensas galerias parisienses que ele apelidou de “passagens”, estabelecimentos voltados para o passeio e o comércio. Segundo Benjamin (apud KIRCHNER, 2007 pág. 3), as passagens são “uma referência explícita e inequívoca às ‘passagens parisienses’ enquanto galerias comerciais ou primórdios das lojas de departamentos. (...) De fato, as passagens são essencialmente entradas e saídas ao mesmo tempo. Cada entrada pode ser vista como uma possível saída e cada saída como uma possível entrada”.

A sutileza do pensamento benjaminiano reside no fato de que fenômenos como a construção de pontos como as passagens provocaram mudanças de percepção nas populações urbanas europeias. Com a presença de espaços que desencadeavam a contemplação (o andar entre as galerias), a imagem (as vitrines) e a troca (compras e vendas), os indivíduos passaram a dar importância considerável para aspectos fora do

eixo político. Foi um passo importante para libertação de um indivíduo que antes estava amarrado ao Estado, ao governo ou sindicatos. Sua sobrevivência dependia de um posicionamento em um desses ambientes de atuação. No século XXI, Canclini aponta para uma

passagem do cidadão como representante da opinião pública ao cidadão interessado em desfrutar certa qualidade de vida. Uma das manifestações desta mudança é que as formas argumentativas e críticas de participação dão lugar a fruição dos espetáculos nos meios eletrônicos, em que a narração ou simples acumulação de anedotas prevalece sobre a reflexão em torno dos problemas, e a exibição fugaz dos acontecimentos sobre sua abordagem estrutural e prologada (CANCLINI, 1997, pág. 28).

A afirmação do antropólogo argentino põe o indivíduo político em segundo plano. Depois de iniciar uma migração da esfera política para o âmbito econômico, agora ele se ramifica e divide seu tempo entre a política e o lazer.

Stuart Hall (2004) acredita que a problemática esteja estritamente ligada a uma mudança na definição de identidade. O conceito de identidade nos países sempre esteve bastante atrelado à noção de identidade nacional, que, por sua vez, indica muitos aspectos tradicionalistas e de caráter político.

Acontece que qualquer identidade, seja ela pessoal ou de uma nação, não pode ser pontuada como “pura”, única, política ou nacional. Uma identidade não se comporta como um ponto cartesiano localizável no mapa, pois as variáveis que a compõem são múltiplas. O sujeito, então, é descentralizado, dotado de uma rede de influências que se misturam e dialogam desesperadamente. “Uma estrutura deslocada é aquela cujo centro é deslocado, não sendo substituído por outro, mas por uma pluralidade de centros de poder” (HALL, 2004, pág. 16). Ou seja, não se admite que um indivíduo tenha um centro pautado nas suas relações ou atividades políticas.

O sociólogo francês Michel Maffesoli chegou à outra ponta epistemológica. O pensamento do autor introduz uma série de trabalhos com negações incisivas às instituições e às relações de poder, sejam elas de cunho político ou econômico. Para ele (2006), o mote de muitas interações humanas já não diz mais respeito ao poder, termo até então explorado como estando no bojo das interações interpessoais. Maffesoli (2006) acredita que os indivíduos estejam “retornando” organizacionalmente a uma espécie de “tribalismo” (que ele intitula de neotribalismo), semelhante ao da Era das Cavernas.



O que o neotribalismo denota é a formação de redes de relacionamentos baseadas no afeto. Os interesses políticos e/ou econômicos são colocados de lado despreocupadamente, pois não são eles que alimentam as relações entre as “tribos”. O mais importante são os laços afetuais claramente comunitários:

(...) o maciço desengajamento político observado em nossos dias não significa uma desacelerada desestruturação, sendo, pelo contrário, o indício de uma vitalidade renovada. Essa perdurância é a marca do divino, o qual não é uma entidade formal e exterior. (MAFFESOLI, 2006, pág. 110).

As linhas de afeto encontram-se estritamente ligadas à problemática identitária. As “tribos” possuem identidades híbridas, difusas e, obviamente, distantes dos tradicionalismos institucionais. Existe, assim, na contemporaneidade, um caldo de cultura identitário movido pelo turbilhão de afetos e aquecido pelas múltiplas experiências:

É, de início, possível sublinhar, ainda que rapidamente, o aspecto mutável e caótico da identidade. A identidade, do ponto de vista sociológico, é apenas um estado de coisas relativo e flutuante. Fica entendido que “a identidade” diz respeito tanto ao indivíduo quanto ao agrupamento no qual este se situa (MAFFESOLI, 2006, pág. 117).

É importante, contudo, não cair em algumas armadilhas teóricas sobre a tribalização das sociedades contemporâneas. Tribalizar não quer dizer o mesmo que homogeneizar. Embora o pensamento maffesoliniano induza alguns leitores a acharem que as tribos são grupos cujos integrantes se comportam de forma idêntica, não é disso que trata o neotribalismo. Os membros das tribos possuem um leque considerável de diferenças entre si.

Mike Featherstone (1995) enriquece mais a discussão quando afirma que o processo de mudanças foi impulsionado por um fenômeno que ganhou força no início do século XIX e atingiu o ápice no fim do século XX: a ascensão do jovem como líder de subculturas artísticas e intelectuais. A partir da virada do século ocorreu uma explosão de sentidos decorrente do crescimento de grandes cidades como Berlim e Paris. Os jovens passaram a usufruir intensamente do leque de sentidos disponível, o que acelerou o processo de rejeição aos institucionalismos formais.

Juntamente com a descontextualização das tradições, estão os jovens ‘sujeitos descentrados’, que apreciam a experimentação e o jogo com a moda e estilização da vida, enquanto passeiam pelos ‘não-lugares’ pós-modernos urbanos” (FEATHERSTONE, 1995, pág. 98). Os jovens circulavam, reconfiguravam os espaços



das urbes, encontravam-se em pontos “alternativos” da cidade para compartilhar elementos comuns de aglutinação que podiam ir da atração pela boêmia ao gosto pela literatura:

Isto porque, a par de assistir ao declínio de valores tradicionais, a cultura contemporânea viu crescer uma profusão de grupos e comunidades que partilham as mais diferentes visões de mundo e modos de configuração de sentidos (JANOTTI Jr., 2003a, pág. 9).

Dessa maneira, a formação de grupos difusos tem laços estreitos com os grandes centros urbanos, que são os núcleos formadores da cultura rock. É fácil fazer uma ponte entre as teorias sobre tribos e os grupamentos heavy metal. Inclusive, muitos roqueiros referem-se aos subgrupos do gênero como “tribos”: a “tribo do hardcore”⁸, “tribo” death metal⁹, dentre outras.

Os grupos de cultura heavy metal se encaixam na definição de tribos urbanas. São comunidades híbridas, construídas com seus próprios valores, sem nenhuma amarra política, não-institucionalizadas e baseadas no afeto (JANOTTI Jr., 2003b). Eles são alheios ao institucional. A formação de milhares de tribos urbanas espalhadas em outras centenas de cidades no mundo corresponde a uma característica peculiar das sociedades contemporâneas. Milhares de grupos se aglutinam pelos mais variados gostos. Com a música, claro, não é diferente, principalmente pelo apelo sentimental que as estéticas sonoras carregam.

No mesmo livro *Consumidores e Cidadãos: Conflitos Multiculturais da Globalização*, dessa vez na conclusão, Canclini (1997, pág. 261) finaliza: “um traço comum a estas ‘comunidades’ atomizadas é que elas se organizam mais em torno de consumos simbólicos do que em relação a processos produtivos”.

A citação do antropólogo latino explica de forma sucinta - e com muita eficiência - o que são esses agrupamentos em torno da música. Os “consumos simbólicos” correspondem a outra característica marcante da cultura rock and roll. Eles se referem ao modo como os roqueiros estetizam o cotidiano. O simbólico retratado por Canclini (1997) é exemplificado pelo estilo, pelo gesto, pelo figurino e por todo o aparato estético do qual os grupos heavy metal se apoderam. Mais uma vez, não se trata de uma característica isolada do mundo rock and roll, porém de um outro aspecto das

⁸ Hardcore é um subgênero do rock, derivado do punk rock. Caracterizado pelas agressividade, temas sociais e faixas curtas.

⁹ É um subgênero do heavy metal. Considerado o mais violento e ríspido de todos. De aspecto ultra veloz, aborda principalmente temas gore.



culturas urbanas contemporâneas onde as tribos rock and roll (e as subtribos, onde os headbangers se inserem) ocupam um papel representativo importante.

Mídia e Rock And Roll: Das Comunidades De Sentidos Ao Grupamentos Urbanos

O rock and roll e suas dezenas de subgêneros estão atrelados ao movimento inconstante da música popular massiva. Por isso, ocorre a sua subdivisão já discutida. A fissão quase sempre ocorre quando uma corrente estética não se encontra satisfeita com o destino pop do seu subgênero e decide criar um outro, com características distantes e fora do filão comercial. Foi assim, por exemplo, quando os primeiros grupos de metal extremo surgiram. Muitos deles se opunham ao movimento intitulado “lite metal” (tradução: metal leve; aqui no Brasil ganhou o nome de metal farofa). Baseando-se no que consideravam como o verdadeiro metal, alguns headbangers insatisfeitos criaram um subgênero mais pesado para se opor ao “vendido” lite metal. Janotti Jr. afirma que hoje

não deixa de ser interessante notar que, o que era chamado de heavy metal, continua sendo valorizado até hoje pelos fãs como metal clássico; já as bandas de lite metal foram descartadas da trajetória metálica, deixando de funcionar como referência para os fãs (JANOTTI Jr., 2003a, pág. 24).

Mesmo que a maioria absoluta dos roqueiros relute em aceitar, o rock and roll (no geral, sem especificar nenhum subgênero) pode ser considerado como o primeiro grande gênero popular da história musical. Isso não quer dizer, claro, que ele seja maioria e campeão de lucro na indústria fonográfica. Pode até ter sido em alguns momentos de sua trajetória, mas isso não afirma a sua superioridade financeira no mercado. Ele é popular, sobretudo, por seu aspecto universal, por sua linguagem que pode ser entendida por qualquer indivíduo que já tenha tido contato com os meios de comunicação massivos.

Assim, resguardadas as características que tornam o rock and roll um gênero genuinamente midiático, essa negociação entre a linguagem universal e a apropriação local aparece como um interessante elemento reflexivo a ser desenvolvido.

A apropriação do heavy metal pelos contextos locais suscita alguns pontos relevantes para o debate. Canclini (1995, pág. 36) acredita que a lógica de interação atual é muito menos baseada nas comunicações oral e escrita e muito estruturada nas comunicações transnacionais e culturais, pois o cidadão:

Se sente enraizado em sua cultura local (e não tanto nacional de que lhe falam o Estado e os partidos), mas essa cultura da cidade é ponto de interseção de



múltiplas tradições nacionais que por sua vez são reorganizadas pelo fluxo transnacional de bens e mensagens.

Não se pode afirmar de modo algum que o heavy metal age de forma homogênea em diferentes culturas. Jeder Janotti Jr. (2003c, pág. 3) trabalha com dois conceitos que considera essenciais para a elucidação de como ocorrem as apropriações do universo heavy metal: “comunidades de sentido” e “grupamentos urbanos”. As comunidades de sentido são:

determinadas agregações de indivíduos que partilham interesses comuns, vivenciam determinados valores, gostos e afetos, privilegiam determinadas práticas de consumo, enfim, manifestam-se obedecendo a determinadas produções de sentido em espaços desterritorializados, através de processos midiáticos que se utilizam de referências globais da cultura atual (JANOTTI Jr., 2003b, pág. 4).

O campo de atuação das comunidades de sentido é desterritorializado. Elas se formam com base numa concepção mundializada de aspectos simbólicos. Por causa das interações provenientes das facilidades comunicacionais, as comunidades de sentido originam-se na interpretação de valores universais. Apesar do aparente aspecto aberto, as comunidades possuem suas próprias regras e codificações. Por exemplo: existem vários fatores que limitam a absorção de novos integrantes às comunidades heavy metal.

Segundo o próprio Janotti Jr (2003b, pág. 7), através dos grupamentos urbanos “é possível se falar na cena de drum’n’bass ou de heavy metal tanto em seus aspectos globais, como em suas apropriações específicas em Berlim, Salvador, João Pessoa ou Aracaju”.

As fronteiras entre os dois grupos, no entanto, não são tão fáceis de definir. Na verdade, o autor opta por não adotar um conceito fechado para ambos os termos:

Como se pode ver, propõe-se a denominação comunidades de sentido e grupamentos urbanos como termos interdefinidos. As manifestações culturais são operadas através de produções de sentido presentes nas socialidades que dão origem às cartografias das comunidades de sentido e dos grupamentos urbanos (JANOTTI Jr., 2003b, pág. 8).

No caso específico desse artigo, ainda que a cena heavy metal seja universal, Teresina tem sua própria cara, suas peculiaridades, seus personagens e suas histórias, já que:

esses elementos são fundamentais no estabelecimento das fronteiras que permitem o reconhecimento dos pares e do ‘outro’ para esses grupos, sendo necessário abordar então, a especificidade dos objetos culturais que circulam pelas comunidades de sentido e grupamentos urbanos (JANOTTI Jr, 2003b, pág. 11).



Quem São Os Headbangers De Teresina? Uma Etnografia Comunicacional Dos Grupamentos Urbanos Locais

Como qualquer outra subcultura, o universo heavy metal possui mais sentidos do que a velocidade do raciocínio pode alcançar, justamente por ter nascido em meio ao turbilhão de indefinições chamado pós-modernidade. Não se pode fechar os olhos para as características midiáticas da sociedade. Em qualquer lugar do mundo, existe um rastro de mídia. Isso, no entanto, não quer dizer que estejamos perdendo nossas identidades. Basta ponderar: nenhum fenômeno cultural é puramente local e nenhum fenômeno é totalmente global.

Os resultados do presente trabalho construíram-se num diálogo entre dois eixos. O primeiro eixo, teórico-hipotético, visou reunir algumas das principais características de subculturas como o heavy metal:

- a) As subculturas negam os espaços institucionalmente normativos (CANCLINI, 1997);
- b) Suas identidades são fragmentadas e policêntricas (HALL, 2001);
- c) Elas se aglutinam em torno de um vitalismo baseado nos gostos em comum e nas trocas afetuais (MAFFESOLI, 2005);
- d) E suas formações se dão através de uma instável negociação entre o aparato simbólico global e as resignificações locais (JANOTTI Jr., 2003a).

O outro eixo, de caráter mais empírico-indutivo, consistiu na execução de uma etnografia interpretativa e comunicacional, baseada no conceito de ‘descrição densa’ de Geertz (1989), sobre os grupamentos headbangers da cidade de Teresina. O antropólogo afirma que o pesquisador disposto a fazer uso da descrição densa deve estar sempre atento para:

Uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar. E isso é verdade em todos os níveis de atividade do seu trabalho de campo, mesmo o mais rotineiro” (GEERTZ, 1989, pág. 20).

A pesquisa de campo foi feita através de anotações pessoais, observações diretas no espaços de atuação dos grupamentos (casas de show, bares, praças), registros fotográficos, consulta em jornais e revistas, entrevistas gravadas com alguns membros da cena e, além disso, muita conversa informal. Horas e mais horas de conversas aparentemente despreziosas em shows, bares, praças e comunidades virtuais com o objetivo de integração ao cenário e aos grupos. Tudo com o objetivo de perceber o que



esses grupos têm para comunicar. O que eles querem dizer sobre eles mesmos, sobre os outros e sobre a cidade onde vivem?

Afinal, ao considerar que “a cultura é fruto da conjunção de vários fatores, presentes não só nas relações sociais, como nos aspectos emocionais, tecnológicos e comerciais que englobam tais práticas” (JANOTTI Jr., 2003a), nada é mais sentado do que construir resultados originados do cruzamento interpretativo entre os dois eixos de trabalho citados acima.

A primeira consideração aponta que por mais forte que seja a influência da cultura local, muitas práticas do universo heavy metal são doutrinariamente universais, o que termina por confirmar o aspecto midiático do gênero. Não importa o agrupamento analisado, os fenômenos são os mesmos e boa parte da linguagem usada é igual. A valorização das relações afetivas, a indiferença em relação aos gêneros musicais *mainstream*, a preferência pelo visual simplista (camisa preta e calça jeans), o respeito aos ídolos e a paixão incondicional pelo heavy metal são algumas das características encontradas nos agrupamentos de Teresina. Aliás, paixão é o que move o headbanger.

Qualquer headbanger, antes de tudo, é um apaixonado, como demonstraram alguns depoimentos. O ‘roqueiro’ Juscelino Ribeiro Jr. (2010) comenta: “pra mim não é só música. É um modo de vida. É um modo como você vê o mundo. Eu vou estar sempre defendendo o heavy metal com tudo o que puder”. O depoimento de Juscelino Ribeiro sintetiza as falas da maioria absoluta de headbangers que foram entrevistados. Independentemente da idade, classe social ou sexo, boa parte dos headbangers não cogita a possibilidade de “abandonar” o universo heavy metal.

A segunda observação diz que alguns fatores diferenciam esses mesmos grupos apaixonados, o que reforça ainda mais o forte teor contraditório que envolve o universo metálico. Ao mesmo tempo em que todos os agrupamentos estão reunidos em torno de um objetivo maior (a sobrevivência do gênero), eles possuem muitas divergências entre si.

As diferenças entre os grupos locais basicamente ocorrem por dois motivos. Número um: o fator gênero é decisivo na diferenciação, pois quanto mais extremo é o gênero mais seletivo ele também é. Isso faz com que existam dois grupos, um onde se encontram os que gostam de metal extremo e não oferecem a possibilidade de negociação e outro com apreciadores mais maleáveis e abertos para novas sensações.



Gerson Belsazar (2010), músico e produtor específico de shows extremos, é enfático: “Na realidade existe muito essa coisa do radicalismo. A maioria das pessoas que eu conheço são radicais (sic)”. De fato, nas idas aos mais variados shows que ocorreram no decorrer da pesquisa, ficou claro que o público mais extremo dificilmente comparecia a shows de cunho variado, de outros gêneros.

Igor Soares (2010), headbanger, pesquisador e criador da Metal PI¹⁰, revela a tensão entre os sub-gêneros e, ao mesmo tempo, o aspecto globalizado do metal:

Sempre teve e sempre haverá radicalismo. É meio que uma coisa enraizada na cultura não só do brasileiro mas do latino-americano de uma forma geral quando a gente fala de heavy metal. Em outros países ou no continente europeu de certa forma há uma liberdade maior e há um respeito maior com relação e... ao gênero do outro. Aqui não, sempre há radicalismo, se gosta disso você não pode gostar daquilo, se você vai nessa show você não pode ir naquele outro show.

Número dois: a diferenciação entre grupos também está relacionada ao local geográfico onde cada um se originou. Na maioria das vezes, os grupamentos urbanos da cidade ficam restritos aos seus bairros e áreas de atuação. A cena teresinense pode ser uma só, mas isso não impede que existam núcleos de subcenas enfiados nos bairros e guetos.

Os próprios componentes da cena teresinense fazem questão de enfatizar essas sub-cenas que geralmente se restringem aos limites territoriais de alguns bairros da cidade:

Eu acho que aqui em Teresina sempre foi essa coisa da panelinha. Cada grupo e sua região. Tipo, o pessoal do Dirceu¹¹ mais restrito ao Dirceu, o pessoal do Mocambinho mais restrito ao Mocambinho¹², o pessoal do Parque Piauí¹³ mais restrito ao Parque Piauí. Aí acontece de ir em show e todo mundo se encontrar e conversar, né... Mas é mais essa coisa de divisão mesmo, de local (BELSAZAR, 2010).

Driênio Rogério (2010), músico e proprietário da casa de show headbanger mais relevante de Teresina, o Bueiro do Rock, consegue enxergar bem as tênues fronteiras (de gênero e lugar) que se constroem na cena headbanger local: “Eu acredito na questão das tribos. Cada tribo foi se isolando cada vez mais no seu canto. Mas público tem, tão tal que toda vez que tem um show de banda que agrada todo mundo, vem todo mundo em peso”.

¹⁰ A Metal PI é a maior comunidade de Orkut do Estado voltada especificamente para o heavy metal. Hoje tem aproximadamente dois mil membros, entre fakes e perfis reais.

¹¹ O maior bairro de Teresina. Localizado no subúrbio ao sul/sudeste da cidade.

¹² Um outro grande bairro teresinense. Localizado ao norte da cidade.

¹³ Bairro operário de Teresina localizado também no sul da cidade.



A terceira observação ressalta que a cidade tem uma forte tendência ao surgimento de grupos rock and roll com características agressivas. Kasbafy Barbosa (2010), um dos mais antigos headbangers de Teresina, afirma: “Teresina sempre teve predisposição para rock and roll. Se tu conversar com os caras d’Os Brasinhas¹⁴ tu vai ver. A década de 70 era uma loucura”.

Pedro Jansen (2010), músico e jornalista cultural piauiense, é um dos poucos que já publicou um trabalho especificamente voltado ao rock and roll local¹⁵. Ele acredita na tendência roqueira de Teresina e justifica seu livro:

Acho que Teresina tem duas coisas que a fazem “merecer” um livro sobre o seu rock: 1) uma história sólida do rock na nossa cidade, que tava se perdendo na cabeça das pessoas e 2) manter a tradição da cidade de ser uma cidade roqueira – se pararmos pra pensar, sempre tem uma galera fazendo um rock na cidade (JANSEN, 2010).

Essa talvez seja uma das observações mais recorrentes nos depoimentos. Mesmo que a história mostre muitos momentos de alternância entre fases boas e ruins, algumas bandas (pessoas) sempre persistiram e continuaram tocando o barco heavy metal. Exemplo: na passagem dos anos 90 para os anos 2000, houve uma tremenda crise na cena, uma enxurrada de banda covers de cunho pop ‘invadiu’ a cidade e prejudicou bastante a manutenção dos espaços destinados ao heavy metal. Kasbafy Barbosa (2010) presenciou esse momento de perto:

Era muito cover. Foi aí que eu comecei a ficar estressado, porque eu tava vendo que a coisa tava desandando. Eu sou muito preocupado com o movimento da cidade, e eu vi que a coisa tava caindo pro cover. Foi aí que eu comecei a ficar estressado com Teresina.

Hoje, já não se pode dizer o mesmo. A cena local pode não ser tão boa quanto nos anos 80, mas é sólida e mantém uma considerável agenda de shows por ano. Mesmo que os casos bem “sucedidos” de algumas bandas sejam isolados, o deslumbramento com as culturas tradicionais por parte da maioria das pessoas acaba por incentivar muitos grupos a surgir como forma de oposição e defesa própria. Cabe reforçar também que a maioria das bandas opta por adotar uma postura estética mais radical (pesada).

Um grande exemplo é o próprio Bueiro do Rock. Ainda que seja uma casa de espetáculos voltada para o amplo universo rock and roll, o predomínio de bandas com

¹⁴ Os Brasinhas é considerada por muitos músicos e jornalistas como a primeira banda de rock de Teresina, criada no início da década de 60.

¹⁵ O livro é intitulado “Deus Ex Machina – Quando o Rock Piauiense Nasceu do Nada”.

gêneros mais extremos terminou por caracterizar o local como um genuíno local heavy metal.

A pesquisa de campo também revelou que a melhor forma de combater o rival materializado na super valorização dos aspectos folcloristas é com uma munição sonora barulhenta. Tal caráter influencia até mesmo algumas das manifestações de cunho popular. Muitas bandas que tocam música regional possuem fortes influências da cultura rock and roll. O Narguilê Hidromecânico, um dos grupos de “rock regional” mais conhecidos da cidade, costuma executar em seus shows, vez ou outra, passagens de músicas da banda Slayer¹⁶

A quarta conclusão tem relações diretas com a terceira. Falar que Teresina possui certa disponibilidade para surgimento de grupos rock and roll não quer dizer que a organização do cenário seja exemplar. Fazer música não se resume a compor e ensaiar. Fazer música hoje é compor, ensaiar, tocar em lugares estruturados, possuir uma agenda de shows constante e planejar a divulgação dos grupos locais fora do estado. Sendo assim, Teresina bebeu durante muito tempo na fonte do amadorismo. Uma prova: não existe um festival rock and roll fixo na cidade. Os festivais nascem, duram três ou quatro anos e não se sustentam, ou ficam alternando entre momentos memoráveis e momentos pífios. Contudo, os anos 2000 foram anos de crise que acarretaram mudanças. Um novo desenho da cena heavy metal aguarda a cidade nos próximos dez anos. Pela primeira vez, produtores, músicos e fãs se organizam com força para profissionalizar a produção local. Foram quase dez shows internacionais foram realizados só no ano de 2010.

Conforme afirma Driênio Sousa, o Bueiro do Rock lidera o movimento de mudanças:

Com certeza, (a cena) só tem a crescer. A gente tá lutando é pra isso, pra crescer. A gente tem lutado é para que a cena daqui se iguale a outras cenas nacionais. Não é possível que daqui a 20 anos, 10 anos, 5 anos, o mais breve possível, não saiam bandas daqui que não sejam reconhecidas em nível nacional (SOUSA, 2010).

A quinta e última observação (desse artigo, não da pesquisa) aponta para o tamanho que o objeto da pesquisa atingiu. Várias manifestações da cultura heavy metal local ficaram de fora na análise. A pesquisa revelou, por exemplo, que o fenômeno metálico (que já existia em algumas das grandes cidades do interior como Picos e Parnaíba) está se espalhando pela zona rural da cidade de Teresina e para cidades de

¹⁶ Slayer é uma banda de thrash metal oriunda dos EUA.



pequeno porte no interior. Alguns relatos dos entrevistados mostraram que já existem bandas e pequenos grupamentos de headbangers em locais como a Vila Uruguai e o bairro Todos os Santos¹⁷, além de cidades como Piripiri e União. Em Parnaíba, a segunda maior cidade do estado, já existe uma cena digna de um outro estudo.

CRÍTICAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não se pode incorrer no erro de achar que, por ser um pequeno grupo, o seu poderio de mudança cultural é igualmente reduzido. Milhares de headbangers estão aí, caminhando pelas ruas de Teresina. São pessoas que consomem, agem, modificando espaços, pensando a cidade e arranjando soluções sem interferência ou ajuda dos aparatos estatais. São indivíduos que não compartilham os mesmos interesses que a maioria, mas que ainda assim possuem uma indústria exclusiva para eles. São sujeitos que impõem um novo ritmo de entendimento das urbes, numa frequência rápida de informações que influenciam muitas gerações de jovens.

É fundamental salientar aqui a amplitude desta pesquisa. Certamente ela não encerrará por aqui. Ao falar apenas da cena heavy metal, alguns detalhes já foram deixados de fora. Fazer um mapeamento do rock na cidade, quem sabe um mapeamento musical, consiste em um desafio muito maior. O heavy metal é apenas um sutil pedaço de um caldo cultural mais amplo. Pesquisas assim revelam subculturas que surgiram com a explosão das mídias e das práticas descentralizadas, situações impossíveis de não serem presenciadas hoje em dia.

As análises podem se tornar ainda mais interessantes se os objetos de pesquisa forem ampliados para ambientes além da música. Pensar em trabalhos que busquem revelar subculturas artísticas e intelectuais dentro do espaço urbano é uma peça fundamental para o enriquecimento acadêmico das Ciências Humanas atuais. Em suma: todo o trabalho tem como resultado maior gerar novos objetos e novos debates sobre esses campos de atuação tão ricos.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

¹⁷ Os dois locais estão localizados nos limites entre a zona rural e a zona urbana teresinense.



HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 6. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

JANOTTI Jr., Jeder. **Aumenta que isso aí é rock and roll: mídia, gênero musical e identidade**. Rio de Janeiro: E-papers, 2003a.

_____. **Afeto, autenticidade e sociabilidade: uma abordagem do rock como fenômeno cultural**. In: GOMES, Itânia M. Mota & JACOB DE SOUZA, Maria Carmen. Media & Cultura. Salvador: Edufba, 2003b.

_____. **Da Lama ao Caos, do Caos ao Lama: algumas propostas para análise das comunidades e grupamentos contemporâneos**. In: Revista 404nOtF0und, publicação do Ciberpesquisa. Salvador: UFBA. v. 01, n. 25, 2003c. Disponível em: <http://www.facom.ufba.br/ciberpesquisa/404nOtF0und/404_25.htm>. Último acesso em: 29 de outubro de 2010.

_____. **Heavy Metal com Dendê: música e mídia em tempos de globalização**. Rio de Janeiro, E-papers, 2004.

MAFFESOLI, Michel. **O Tempo das Tribos. O declínio do individualismo na sociedades da massa**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

KIRCHNER, Renato. **Trabalho das passagens, de Walter Benjamin**. In: Viso · Cadernos de estética aplicada, n° 3, set-dez/2007. Disponível em: <<http://www.revistaviso.com.br/visArtigo.asp?sArti=20>>. Último acesso em: 25 de outubro de 2010.

Entrevistas

BARBOSA, Kasbafy. **Entrevista**. Cedida a Caio Bruno Silva do Carmo em 03 de novembro de 2010.

BELSAZAR, Gerson. **Entrevista**. Cedida a Caio Bruno Silva do Carmo em 15 de outubro de 2010.

JANSEN, Pedro. **Entrevista**. Cedida a Caio Bruno Silva do Carmo em 22 de maio de 2010.

RIBEIRO Jr., Juscelino. **Entrevista**. Cedida a Caio Bruno Silva do Carmo em 02 de novembro de 2010.

SOARES, Igor. **Entrevista**. Cedida a Caio Bruno Silva do Carmo em 14 de outubro de 2010.

SOUSA, Driênio. **Entrevista**. Cedida a Caio Bruno Silva do Carmo em 22 de outubro de 2010.